



Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Rádio Nacional, 13 de julho de 2009

Luciano Seixas: Olá, você em todo o Brasil. Eu sou Luciano Seixas e começa agora o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. Olá, Presidente. Como vai, tudo bem?

Presidente: Tudo bem, Luciano.

Luciano Seixas: Presidente, o senhor participou da última reunião conjunta do G-8 e do G-5, na Itália. Um dos pontos discutidos foi a questão do meio ambiente. Houve avanços, Presidente?

Presidente: Luciano, eu penso que está havendo avanços nessa discussão. Os países ricos já estão dispostos a discutir coisas que antes não discutiam. Os Estados Unidos estão assumindo a responsabilidade de discutir esse tema, coisa que eles não fizeram desde que foi assinado o Protocolo de Quioto, e eu penso que nós vamos chegar a um acordo para o encontro de Copenhague, em dezembro, onde nós vamos discutir a questão climática. Veja, nós precisamos tomar cuidado para que as Nações Unidas tenham um relatório que possa responsabilizar com números cada país, tanto na quantidade de emissões de gases de efeito estufa, quanto na quantidade de sequestro de carbono que esses países possam fazer. Outra coisa que nós não aceitamos é que tem países que estão criando um fundo para valorizar o sequestro de carbono. E eu disse que não é possível discutir apenas o sequestro de carbono sem discutir o controle de emissão de gases de efeito estufa. Por quê? Porque senão, o que vai acontecer? Os países ricos, que têm dinheiro, vão pagar para



os países pobres plantarem mais florestas para fazer o sequestro de carbono, enquanto eles vão continuar poluindo. Esse acordo tem que ser um acordo de dupla mão, ou seja, ao mesmo tempo que os países têm que assumir o compromisso de que vão diminuir a emissão de gases de efeito estufa, os outros países vão discutir a necessidade de aumentar a possibilidade de sequestro de carbono. Isso avançou bastante, foi um tema discutido mas não conclusivo, porque a posição do G-5 era diferente da posição do G-8. Ao mesmo tempo, tem que ver qual a responsabilidade de cada país. Ou seja, um país que começou seu processo de industrialização 150 anos atrás tem mais responsabilidade do que um país que começou ontem. Por exemplo, os Estados Unidos têm mais responsabilidade do que a China, a Europa tem mais responsabilidade do que a América do Sul, do que a África. Portanto, é prudente que a gente faça essa discussão com seriedade, que cada um assuma a responsabilidade, é um tema que envolve todo mundo, do mais pobre ao mais rico e, portanto, todos têm que ter responsabilidade. O que é importante é que há uma consciência coletiva de que o problema é grave e que todos nós temos que cuidar disso com muita responsabilidade.

Luciano Seixas: Alguns líderes defenderam que não é possível discutir questões mundiais, como a crise financeira, apenas com a representatividade do G-8. Com isso, dá para dizer que a posição brasileira sobre o assunto prevaleceu?

Presidente: Eu não diria a posição brasileira, eu diria que tem uma divergência que é fundamental, ou seja, primeiro, nós não podemos questionar a existência do G-8, o G-8 pode existir e discutir o assunto que quiser. Agora, nós estabelecemos a criação do G-20 para discutir a crise financeira. Nós poderemos criar outros grupos para discutir outros assuntos ou tentar levar para o G-20 discussões importantes, como a questão do clima, como a questão



da Rodada de Doha, o acordo sobre o comércio internacional, a questão do controle do sistema financeiro. Nós poderemos levar para o G-20 isso, que tem mais representatividade. Só para você ter idéia e os nossos ouvintes, Luciano, o G-20 representa praticamente 80% da riqueza mundial, representa uma grande parcela da população mundial e, portanto, ele tem autoridade moral para fazer isso. Mas é importante que a gente não se esqueça nunca de que o mundo não é constituído apenas pelos países do G-20, e nós achamos que em vários temas os países menores têm que participar. Por isso é que nós defendemos que a ONU também seja referência para envolver os países pequenos, porque se um país de 1,3 bilhão de habitantes como a China tem responsabilidade, uma ilha de 300 mil habitantes também tem responsabilidade. Portanto, ninguém pode querer ter a hegemonia de achar que determinados grupos de países são os que decidem, não. Para cada assunto, você reúne quem você quiser. Agora, na questão da crise econômica nós precisamos definir que o G-20 é que tem que decidir as regras que vão controlar o sistema financeiro e vão reger a economia mundial daqui para a frente.

Luciano Seixas: Você está ouvindo o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. Depois desse encontro do G-8 mais o G-5 e das discussões que foram feitas, qual o cenário para a próxima reunião do G-20 marcada para setembro, Presidente?

Presidente: É um cenário de otimismo porque todo mundo sabe que até agora as decisões que nós tomamos estão sendo implementadas, e isso leva tempo. Por exemplo, colocar dinheiro no FMI, fazer com que o Banco Mundial tenha mais dinheiro para ajudar nos projetos de desenvolvimento dos países mais pobres, é importante. Discutir a Rodada de Doha para ver se a gente conclui ou, pelo menos, delega mais poderes aos nossos membros. Aliás, o G-8 já



determinou à comissão que negocia que até 2010 tem que decidir a Rodada de Doha. Eu até falei para o Pascal Lamy, que é o homem que coordena as negociações, que 2010 não é dezembro, é janeiro de 2010 ou fevereiro, para que seja uma coisa feita com uma certa rapidez para que o acordo na Organização Mundial do Comércio possa trazer benefícios para os países que sofreram o problema da crise.

Luciano Seixas: Muito obrigado, presidente Lula, e até a próxima segunda-feira.

Presidente: Obrigado a você, Luciano, e até a próxima segunda-feira.

Luciano Seixas: O “Café com o Presidente” volta na próxima segunda. Até lá.

(\$5)